

Os bancos não estão dispostos a ampliar os empréstimos ao México

- 4 FEV 1986

por Peter Montagnon
do Financial Times

Os principais bancos credores do México estão dispostos a resistir a pedidos de empréstimos adicionais para compensar uma perda de US\$ 2,2 bilhões prevista para este ano na receita cambial do país, em consequência do corte de US\$ 4 no preço de seu petróleo.

Em reunião programada para hoje, em Nova York, a comissão de principais credores, presidida pelo Citibank, comunicará ao diretor da Dívida Pública do México, Angel Gurria, que o mercado não terá condições de suportar uma reavindicação de tal volume.

O ministro das Finanças Jesús Silva Herzog, que deveria viajar a Nova York para as conversações, informou aos bancos que não poderia participar.

Anteriormente, o México havia anunciado que tentaria levantar neste ano US\$ 4 bilhões em novos financiamentos, incluindo empréstimos de cerca de US\$ 2,5 bilhões por parte dos bancos comerciais. Mas, na semana passada, Silva Herzog informou que o país poderia necessitar de mais US\$ 3 bilhões para compensar seus prejuízos com o petróleo.

Alguns banqueiros já começaram a contestar esses dados, afirmando que o México já havia superestimado suas necessidades financeiras antes mesmo que o preço do petróleo caísse. Além disso, argumentaram que o México necessitaria de muito menos que US\$ 2,5 bilhões

líquidos, caso adotasse medidas para abrir sua economia aos investimentos estrangeiros, reduzisse sua burocracia e vendesse algumas empresas estatais.

Apesar de uma solicitação de US\$ 6 bilhões ter sido qualificada de "suicídio" por outro banqueiro, o governo norte-americano parece estar considerando esse total como o montante necessário ao México. O secretário assistente do Tesouro, David Mulford, na semana passada, declarou a uma comissão do Congresso que o México necessitaria de mais US\$ 6 bilhões a US\$ 6,5 bilhões. Qualquer que seja o total, os bancos comerciais estão procurando agora fazer com que os governos dos países industrializados assumam uma maior parcela dessa carga financeira.

Os banqueiros disseram estar cientes dos problemas políticos enfrentados pelo governo do presidente Miguel de la Madrid na implantação da reforma econômica, mas acrescentaram que as informações de alguns funcionários do primeiro escalão do governo mexicano — de que o serviço da dívida não poderia ocorrer normalmente, devido à pressão dos preços do petróleo — somente tornariam mais difíceis os esforços para obter novos empréstimos no mercado.

A reunião de hoje será apenas uma primeira sessão para estabelecer as bases para negociações mais intensas sobre as necessidades de financiamento do México para o presente ano.

Além de US\$ 10 bilhões em pagamentos de juros sobre sua dívida externa de US\$ 97 bilhões, o México também terá de efetuar pagamentos de US\$ 1,2 bilhão sobre o principal da dívida aos seus bancos credores neste ano.

Os banqueiros afirmaram que continuam totalmente contra a qualquer forma direta de abrandamento dos juros, tais como a capitalização destes. Isso "iria inteiramente na direção contrária", disse um banqueiro, e prejudicaria as possibilidades de o país retornar a uma captação normal no mercado.

Preferivelmente, deve-

ria haver uma facilidade através da qual o México honrasse os pagamentos dos juros, mas esta seria automaticamente reciclada na forma de novos empréstimos. Mesmo isso exigiria passos positivos na reforma econômica, dos quais tudo depende atualmente.

Silva Herzog disse, confidencialmente, aos bancos credores que está trabalhando para a adoção de um programa econômico articulado com o Fundo Monetário Internacional, mas há sérias dúvidas sobre a capacidade de o ministro convencer seus colegas do governo a aceitarem tal acordo.